

PARA QUE A CHUVA CAIA

Por Julia Guimarães¹

Em muitas cosmologias indígenas, alguns dos pares dicotômicos mais fundamentais para o pensamento do Ocidente – como a diferença entre natureza e cultura, ou entre corpo e espírito – simplesmente não existem. Ou, quando existem, são percebidos de forma radicalmente distinta daquela a que estamos habituados. Para esses povos, haveria uma espécie de *cultura comum* entre os mais diversos seres, como humanos, animais, espíritos e outras entidades da natureza, o que favorece alianças, amizade e relações de respeito entre eles.

Esse é também o ponto de vista presente no espetáculo *O segredo da chuva*, da Cia. Quase Cinema, de Taubaté (SP). Em diálogo com o livro homônimo do premiado escritor indígena Daniel Munduruku, o grupo explora a técnica do Teatro de Sombras – com a qual trabalha desde suas primeiras criações – para traduzir, em linguagem teatral, essa pluralidade de mundos que habita os mitos e o cotidiano de diferentes povos originários.

Em cena, quem aparece em primeiro plano é Lua, um garoto indígena curioso e preocupado com a falta de chuva na sua região. Após ser alertado pelo seu pai de que somente o Espírito da Chuva seria capaz de resolver o problema que afeta sua comunidade, Lua sai em busca desse espírito e, para isso, conta com a ajuda de diferentes animais da floresta – como o macaco, a onça e a capivara.

A opção por levar essa história para os palcos com o uso de distintas técnicas do teatro de sombras parece traduzir, de forma poética e coerente, a existência de múltiplos mundos que é característica das cosmopercepções ameríndias, isso que o

¹ Julia Guimarães é crítica teatral, professora, pesquisadora e jornalista. Editora do site de crítica Horizonte da Cena (MG) e da revista Subtexto (Galpão Cine Horto/MG). Foi professora visitante na UFMG (2021-2023), realizou pós-doutorado na Escola de Belas Artes da UFMG e concluiu o doutorado em Artes Cênicas na USP, onde atuou como professora convidada. É coorganizadora do livro “O teatro como experiência pública” (ed. Hucitec/SP, 2019). Foi curadora do eixo Olhares Críticos da Mostra Internacional de Teatro de São Paulo (MITsp) em 2022. Atuou como crítica de teatro nos jornais O Tempo e Pampulha (BH), no site Teatrojornal (SP) e em diversos festivais brasileiros.

antropólogo Eduardo Viveiros de Castro chamou de “multinaturalismo”². Na brincadeira com as sombras construídas pelos artistas-manipuladores Antônio Antunes e Maíke Marques, a fusão entre natureza e cultura é traduzida, por exemplo, pela presença de uma sombra que literalmente dança com a lua. Em outras cenas, imagens da floresta se sobrepõem à de humanos e animais, tal como ocorre em sonhos e transe. De fato, o teatro de sombras – por sua estética fantasmagórica e onírica – surge como uma linguagem fértil para refletir um mundo em que humanos, animais e espíritos pertencem a uma mesma cultura.

Na direção de Ronaldo Robles e Silvia Godoy, que também assinam a dramaturgia do espetáculo, a perspectiva de um ambiente próximo ao do sonho é também ressaltada pela direção musical de Natália Machiavelli e pela trilha sonora de Mano Bapo. Nelas, a presença de sons distorcidos, que recriam em chave poética os ruídos dos animais em cena, ajuda a reforçar essa textura não realista dos elementos teatrais.

Ao mesmo tempo, a existência de diferentes técnicas de sombra que coabitam a mesma obra remete ainda às distintas entidades originalmente presentes no livro de Munduruku. Uma das mais impactantes é justamente o Espírito da Chuva. Através da manipulação de uma folha espelhada (cuja técnica nos foi revelada durante o bate-papo após a apresentação no 37º Festival), surge projetada uma sombra disforme e de aparência tridimensional, que se assemelha a um holograma. Trata-se de uma técnica que traduz sensivelmente a própria imaterialidade da figura de um espírito.

Como comentou o diretor Ronaldo Robles nessa mesma conversa pós-espetáculo, uma das propostas do trabalho é explorar, em suas cenas, uma temporalidade mais contemplativa, diferente daquela a que estamos habituados nos contextos cada vez mais acelerados das formas de vida urbanas contemporâneas. Se, por um lado, esse tempo mais lento do espetáculo de fato estabelece um contraste com o cotidiano, por outro, algumas de suas cenas e imagens parecem delongar-se demais diante de nós, o que ajuda a diluir o ritmo e a dinâmica da

² “(...) a expressão ‘multinaturalismo’ [designa] um dos traços contrastivos do pensamento ameríndio em relação às cosmologias ‘multiculturalistas’ modernas: enquanto estas se apoiam na implicação mútua entre unicidade da natureza e multiplicidade das culturas, a concepção ameríndia suporia, ao contrário, uma unidade do espírito e uma diversidade dos corpos”. Definição presente no livro *Metafísicas Canibais* (Ed. Ubu e N-1, 2018, p. 28).

narrativa, ao passo que sua estrutura dramaturgica, pensada como uma instigante aventura de iniciação do garoto Lua, talvez demandasse maior fluidez das cenas.

O Segredo da Chuva se insere em um conjunto de obras na trajetória recente da Cia. Quase Cinema que se voltam para as nossas ancestralidades indígenas e africanas e para o universo caipira. Conectam-se a um movimento mais amplo da sociedade brasileira de busca por raízes, valores e formas de conhecimento que nos foram violentamente destituídas/destruídas durante o processo de colonização vivido historicamente em nosso território. Nesse sentido, uma das cenas mais bonitas e significativas da montagem é aquela que recria, em técnica de sombra, o mito de origem do povo a que pertence o protagonista Lua. Trata-se do relato sobre um buraco no céu que acabou por separar os habitantes que viviam em cima e os que passaram a viver embaixo.

Ao construir uma obra que aborda o urgente tema das mudanças climáticas a partir da costura estética entre as cosmopercepções de povos indígenas e a linguagem poética do teatro de sombras, a Cia. Quase Cinema conecta mundos e nos permite chegar mais perto do pensamento de algumas das tantas etnias que habitam este território chamado Brasil. Parafraseando o famoso título do livro do xamã yanomami Davi Kopenawa – outra obra que nos conecta aos alertas ambientais tão e há tanto tempo propagados pelos indígenas –, para que “o céu não caia” é necessário, às vezes, como na história de Lua, que a chuva caia.